

## Mães e filhas: quando a arte desata o nó da relação<sup>1</sup>

*Marfiza Ramalho Reis*

“A arte de viver, disse Jung, é a mais difícil de todas as artes.” Respeitado como um dos maiores psicólogos e humanistas do século passado, Jung tinha autoridade para tal afirmação. Assim como consideramos difícil alguém discordar, não temos dúvida de que esse conhecimento inicia-se na família. É nela que somos marcados pelas dores e delícias de sermos quem somos.

Neste texto examinamos o filme “O Cisne Negro” (Black Swan), de Darren Aronofsky, como uma importante ilustração para refletirmos, um pouco, sobre o relacionamento mães e filhas.

### **A sombra familiar**

Ainda no útero, bem antes do nascimento, a criança já está inserida em um contexto de expectativas familiar e social. Sua vida está condicionada à saúde física e psíquica dos pais. A escolha do nome, por exemplo, traz a esperança de probabilidades do desejo dos pais. Um casal, ao cuidar do som do nome a ser dado ao filho, para que soe bem em várias línguas, talvez deseje que ele seja um global, um viajante bem recebido em vários países. Nascermos com nossas potencialidades e, se vamos, ou, como vamos realizá-las ao longo da vida é uma outra história. As primeiras relações com os pais são fundamentais para as que virão. A criança vive imersa na atmosfera familiar e aprende em casa o que é feio e o que não deve ser feito. Sua espontaneidade fica comprometida com todas as ordens domésticas do - “isso não se faz”, “faça isso”, “isso é mau”, “é falta de educação”- porém, inúmeras vezes essas ordens não atendem à dita educação, mas à impossibilidade ou incômodo dos pais de realizar o que os filhos apresentam. Assim, algumas características são favorecidas e outras reprimidas. É frequente ouvirmos; “meu filho vai ser um médico” (ou outra profissão), “desde muito pequeno eu já sabia que ele seria um atleta”, “eu

---

<sup>1</sup> Texto do livro “**Família em foco: sob as lentes do cinema**”

não pude fazer balé, mas minha filha será uma bailarina”. São comuns, situações em que mães com ambições artísticas, procuram realizar seus sonhos forçando a filha a participar, ainda muito pequena, de concursos de beleza ou aulas de música.

Certos aspectos nos filhos, mais evidentes aos olhos dos pais, são exacerbados e outros vão para trás, ficam apagados e esquecidos à sombra. As crianças absorvem coragem, medos e vícios mesmo que nunca se tenha falado uma palavra sobre isso. O pai, ao lançar olhares depreciadores à aparência e opiniões da mãe, a envergonha na frente dos filhos. Assim, os filhos desde cedo aprendem a desvalorizar o papel da mulher e da mãe. O contrário também ocorre, e se instala nos filhos, algumas vezes, a misantropia. Comportamentos perfeccionistas também podem aparecer para evitar a sombra. Dessa maneira vamos desenvolvendo e criando dois lados; o que é de bom tom fica no claro, e o considerado feio vai para a sombra. Nossa origem é na família. Somos nutridos e amaldiçoados por ela. Testemunhamos e vivemos as invejas, ciúmes, agressões, dores e amores com nossa família. É a fonte de tudo, assim como a proteção e a segurança.

Sempre em busca do amor, proteção e aprovação dos pais, tudo o que não cabe no “comporte-se”; “crianças boas se comportam assim”; vai sendo recolhido para um lugar fechado e escuro - para o inconsciente - de acordo com cada cultura. Alguns comportamentos considerados como boas maneiras no Oriente, podem estar à sombra no Ocidente, por considerá-los inadequados. Podemos imaginar o constrangimento de um arrotto à mesa num jantar de negócios ou social, o que em regiões da Ásia é sinal de agrado, de que a comida estava boa. Em algumas famílias, por exemplo, com certos padrões religiosos rígidos, a sexualidade vai para a sombra levando a espontaneidade junto. Essa ideia das polaridades – luz e sombra - é baseada no modelo Junguiano em que nossa vida é uma caminhada em busca da reconciliação de opostos e, de que o funcionamento consciente é unilateral.

Nossos papéis na infância são determinados pelas expectativas paternas. A criança se comporta buscando a aprovação e atenção dos pais, sempre numa via de mão dupla, ou seja, seu comportamento reflete a situação familiar. Os padrões de comportamentos dos nossos antepassados continuam pressionando e, se, reprimidos em uma geração, poderão ser favorecidos em outras. Na Bíblia encontramos que os pecados de um homem serão punidos “nos filhos e nos filhos de seus filhos até a terceira e quarta gerações” (Êxodo 20:5). Jung em sua obra nos mostra como a vida não vivida dos pais aparece no comportamento dos filhos. Isto significa que, o não

desenvolvido em suas próprias vidas, focam na vida dos filhos - consciente ou inconscientemente. Segundo Jung, quando uma situação interna não vem ao consciente, ela acontece do lado de fora, sob a forma de destino. Aparece na vida de nossos filhos e de nossos netos.

Zweig & Wolf em “O jogo das sombras” falam em pecados intergeracionais, como sendo a manutenção dos padrões destrutivos inconscientes. Esses padrões, segundo eles, nos mantêm aprisionados dentro da sombra familiar. Esses pecados podem ser transmitidos como uma predisposição bioquímica, como a síndrome do álcool no feto, a depressão endógena, ou a esquizofrenia. É interessante a raiz etimológica da palavra pecado - vem do latim *peccatus*, “pisar em falso, tropeçar”, é errar o alvo, inibir o desenvolvimento, regredir ao invés de expandir-se. Análise - vem do grego *analysein*, “soltar, afrouxar”; *ana* “através” mais *lysis* “afrouxamento”. É a ideia de que sem rigidez, aceitando os nossos tropeços, podemos compreender os “pecados”, e assim, a sombra não será tão impenetrável.

A sombra ameaça a consciência e surge inesperadamente. Compreendemos isso quando inúmeras vezes não conseguimos entender como fomos capazes de fazer “tal coisa”, dizer o que não gostaríamos e, “daquela maneira”. Sabemos que nossa espontaneidade tem um preço, às vezes, de perder uma amiga, ou melhor, que considerávamos como tal. No entanto, ao falar o que não queríamos, por ser politicamente incorreto, dançamos de acordo com nossa própria música interna.

Atender ao ritmo interno pode ser, por vezes, complicado, pois a dança coletiva impõe ritmos específicos, uma coreografia às vezes rígida como a demanda de uma época, dogmas religiosos ou governos autoritários. Decerto devemos adaptar-nos à realidade exterior e à coletividade. Nos palcos da vida representamos papéis que interagem com os outros e desejamos harmonia. O coreógrafo, o pai, a mãe, o professor, o chefe, o namorado(a) ditam a coreografia, e, inúmeras vezes, dançamos como imaginamos que a conquista exige. Entretanto, para chegarmos à “dança solo”-primeira bailarina - é preciso ter muitos ensaios e muita concentração.

### **Nina e o Lago dos Cisnes – a fantasia e a realidade**

A história que deu origem ao “Lago dos Cisnes”, um balé de quatro atos, é uma das mais populares e um verdadeiro conto de fadas. Existe uma princesa, um príncipe, um bruxo, encontros, desencontros e um final feliz, onde o bem triunfa sobre

o mal. Parece-nos uma metáfora da “arte de viver”. No filme “ O Cisne Negro”, a analogia acontece com o processo de desenvolvimento da personalidade da protagonista Nina. Ela luta para libertar-se das projeções da sua mãe, uma espécie de encantamento. Essa película ilustra a força da relação mãe-filha e a pujança do instinto de individuação. Nela, o diretor de uma companhia de dança de Nova York, Thomas Leroy, decide substituir a bailarina veterana. Nina, uma jovem e dedicada bailarina sonha com esse lugar, o que também é o sonho da sua mãe, pelo fato de ter abandonado o balé após a gravidez. Cuidou da filha como se fosse uma boneca bailarina, a quem se dirige como “menina doce”.

A primeira cena do filme é sobre o sonho de Nina dançando o “Lago dos Cisnes”, o que depois ela traduz como sendo o prólogo em que o feitiço acontece. Que o sonho seja uma “via régia para o inconsciente”, Freud e Jung concordaram, e, nesse caso já anuncia-se uma possibilidade a Nina. A seguir, um novo sinal, contingencial, aparece quando ela coça as costas e surge uma erupção. A mãe vê e pergunta o que é. Ela responde “não é nada” e a mãe finge que acredita. Algo nela faz cócegas, quer aparecer.

Enquanto ensaiam, o diretor conta a história do “Lago dos Cisnes”, para a qual busca uma protagonista:

Uma garota virginal, pura e doce, presa no corpo de um cisne. Ela deseja liberdade, mas só o amor verdadeiro pode quebrar o feitiço. Seu desejo quase se realiza na forma de um príncipe, mas antes que ele possa declarar seu amor, a irmã gêmea dela, o cisne negro, o engana e, então, o seduz. Pressionada, o cisne branco, então, pula de um penhasco se matando. E na morte encontra a liberdade.

O diretor diz a ela - “Se estivesse escolhendo só o cisne branco, seria você, mas não estou, mostre seu cisne negro, seduza! Ataque!” O desenrolar do filme é a luta dessa jovem para lidar com sua sombra (a irmã gêmea) que é representada por uma colega. Ela quer ser perfeita como sugeria a mãe, porém não sabe que, como lhe disse o diretor - “a perfeição não é apenas o controle, é, também, se deixar levar. Surpreenda-se para poder surpreender a plateia.”

Para criar é preciso técnica e libertar-se da técnica. Na Antiguidade usavam máscaras (lat. *persona*) em peças ritualísticas. Jung denominou *persona* a esse impulso que temos para adaptação à realidade exterior. A sombra, assim como a *persona*, aparece em nossas fantasias, devaneios e sonhos. Se bem olharmos, está visível em nossa postura corporal e nas roupas que usamos. Ao longo da vida, carregar a coreografia imposta sem permitir contato com os sentimentos machuca o corpo, pois, de alguma maneira, todos esses conteúdos reprimidos pedem passagem. Sonhamos todas as noites. É uma das maneiras que o inconsciente encontra para equilibrar essas polaridades dentro e fora. Se ignorarmos essa via, o inconsciente tentará outra, como os atos falhos e até mesmo doenças. Isso significa que devemos saber a nosso respeito, enquanto indivíduos separados das exigências feitas pelo social. O que não significa deixar de atender às expectativas coletivas.

Situações e lugares diversos pedem vestimentas diferentes para nossa proteção, no entanto, é importante que possamos trocá-las quando necessário. A roupa que usamos como profissionais é diferente da que usamos em casa, pois os papéis são diferentes. Se, ao chegarmos à casa, nos comportarmos como se estivéssemos no trabalho, é porque a “roupa” colou no corpo. Se a *persona* estiver rígida, provavelmente dançaremos o mesmo ritmo em todos os lugares. Doenças de pele coincidem com esses comportamentos. É como se dentro de nós algo pedisse mais movimento e mais espontaneidade. O esforço, para conter, salpica na pele e erupções cutâneas aparecem. Psicologicamente falando, a erupção cutânea é uma reação inconsciente, um esforço para a revelação e retirada da máscara inflexível. Nina, ao coçar as costas, procura livrar-se de algo. “Tudo o que se pode observar empiricamente, diz Jung (1997 ,par.69), é que processos do corpo e processos mentais desenrolam-se simultaneamente e de maneira totalmente misteriosa para nós”.

O que parece ser uma dermatite surge nas costas da Nina. Interessante observarmos que, só sangra quando ela consegue o lugar desejado. O sangue - que é vida - começa a circular e, em momentos de muito controle ela tem fantasias com sangue, ferindo-se, o que pode significar desejo de vida e sentimento. Somos atores no palco da vida, contudo, também somos “feitos da mesma matéria dos sonhos” como escreveu Shakespeare.

### **Mães e filhas - o abraço apertado**

Os mistérios eleusianos de Demeter, na Grécia antiga, dão testemunho da necessidade das mulheres de buscar um caminho próprio e desidentificar-se como filhas. Perséfone (Kora) brinca com suas amigas despreocupada de que nada possa alterar esse estado de alegria, afinal, sua mãe Demeter estava por perto. Distancia-se das amigas e, intoxicada pelo odor de um narciso, vai colhê-lo. A terra se abre e o senhor do Mundo inferior surge para capturá-la. Gaia, mãe terra, conspira com Zeus para que Perséfone passe pelos inferos. Demeter quer a filha junto dela nos campos floridos. Para Gaia não é dramático esse mundo escuro. Nós, como mães, talvez hesitemos em permitir que nossas filhas sofram, pois representam a extensão da nossa própria natureza. Essa natureza essencial que nos remete à juventude e às inseguranças inerentes.

A mãe da Nina é uma Demeter que deseja manter a filha “doce” sem o sabor amargo dos inferos. No entanto, como mostram as fantasias e sonhos, agita-se a ânsia da tomada de consciência. No filme não aparece o pai para ajudá-la nessa tomada de consciência; quem faz esse papel é o diretor. O lugar do pai é muito importante para a consciência de quem se é. Quando não existe a figura de um pai adequado na vida da menina, a identificação mãe-filha fica exacerbada, podendo comprometer o processo de desenvolvimento dela vida afora. É através do amor do pai que a jovem pode desapegar-se da mãe e perceber suas potencialidades como mãe. Nina não tem o pai, no entanto, é ajudada pela figura do diretor e pela projeção da sua sombra na colega - “irmã gêmea”- que no espetáculo poderia ser a sua substituta. A ameaça e o temor de ser substituída, assim como não realizar o sonho dela e da mãe, pressiona a tomada de consciência.

Quando uma mulher não tem seus sonhos reconhecidos e lamenta o que não fez, sentindo-se frustrada, é frequente tentar viver através da filha, moldar sua vida, mesmo que conscientemente sinta vaidade e orgulho dela. Em muitas situações, um ressentimento inconsciente pode ser expresso por agressões, também inconscientes. Da parte da filha pode surgir um rancor silencioso, com o risco de sabotar o próprio processo. Agressividade, ou mesmo distúrbios alimentares, podem aparecer como reação, ou, ser a “boa menina”, “menina doce” em detrimento do desenvolvimento emocional. Nessas relações mãe-filha, o nó parece ser o desejo obstruído criando a impossibilidade de separação. Nas relações em que a confiança está comprometida e há o risco da perda, a espontaneidade fica bloqueada. No caso da Nina, em que

aparecem comportamentos perfeccionistas, podemos pensar no medo sombrio de não atender ao desejo da mãe, ou seja, cumprir o que a mãe não realizou.

O potencial da Nina fora reconhecido pelo diretor, que capitaneou para que não permanecesse inacessível. Já pronta para entrar no palco, ouve do diretor - “A única pessoa no seu caminho é você mesma. É hora de se livrar dela. Solte-se!” Quando ela tem a fantasia da mãe ferida, simbolicamente já poderia reconhecer as imperfeições da mãe, há muito, na sombra. A pressão externa, a ansiedade e o medo de não conseguir, atingem o limiar da consciência. É delicado esse tempo, o tempo da fronteira em que o consciente e inconsciente ficam ativados. Muitos recorrem às drogas e o risco do vício aumenta se este for um comportamento familiar negado, não dito ou mal dito. As fantasias da Nina são assustadoras para o expectador. A esse respeito, fala Jung:

Algumas pessoas, quando tomadas de grande fúria, ao invés de apresentarem os costumeiros sentimentos de vingança e assim por diante, tem as mais apavorantes fantasias em que se imaginam cometendo um assassinato, cortando braços e pernas do inimigo e coisas desse tipo. São fragmentos do inconsciente que invadem a consciência.... ..fantasias desse tipo podem ocorrer dentro dos limites da normalidade. (JUNG, 1997, par. 65)

Simbolicamente, mudanças de lugar na família e mudanças no ritmo da dança familiar, ocorrem como uma violência, ou seja, constelam com tamanha força que não há resistência para deter. Se não for por bem, sendo aceita pelos pais, vai por mal via drogas ou distúrbios afetivos. Sabemos que o antagonismo à influência de nossos pais nos liga a eles com a mesma força que a obediência. Por bem ou por mal, o desapego representa tempos de “morte”, de grandes transformações, em que modelos já velhos têm que dar lugar ao novo. Quando Nina fantasia matar a colega no camarim, para a vivência dos seus instintos, é uma espécie de morte. É o encontro com seu Cisne Negro, instintos ferozes que lhe apontam não ser só “doce” como queria a mãe. Essa luta - com a própria sombra - que as mulheres travam para desapegar-se e abrir mão desse lugar de filha e de suas emoções possessivas é o caminho para “dar a luz” em sua vida e de seus filhos. Do contrário, poderão ter filhos, mas darão para outros criarem e viverão sempre à margem de si mesmas. Se a filha engravida, sua mãe tem que assumir o lugar de avó. Essa vivência de morte e desapego é também para as

mães, pois ao serem remetidas ao lugar de avó, ou à saída de casa da filha, confrontam a “menos-pausa”, o apego inconsciente à juventude e, como disse Cecília Meireles em “Retrato:”

Eu não tinha esse rosto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim magro,  
nem esses olhos tão vazios,  
nem o lábio amargo.

Eu não tinha essas mãos sem força,  
Tão paradas e frias e mortas;  
Eu não tinha este coração  
Que nem se mostra.

Eu não dei por essa mudança,  
Tão simples, tão certa, tão fácil;  
-em que espelho ficou perdida a minha face?

(MEIRELES.C.2001)

Nessa vivência mãe-filha não há atalhos, é preciso viver a intimidade da relação, do feminino de dupla realidade. Mãe e filha admiram e desejam o desapego, mas só poderão realizá-lo com a ajuda de forças do mundo das sombras. Só o Senhor da Morte pode ajudar Perséfone, ao dar-lhe a romã para engolir, assim como só o Cisne Negro pode auxiliar Nina a dançar “perfeito”. E ela vai aos inferos numa noitada em que desobedece a mãe, sai com a “amiga”, se droga e corre riscos com desconhecidos. Ao chegar à casa, confronta a mãe, fecha a porta impedindo a entrada dela e sonha com uma relação homoafetiva com a “amiga”- sua sombra. No dia seguinte, joga no lixo os bichinhos de pelúcia, como uma representação de que já atravessara o umbral e realizara a sombra. Descobriu o que “o diabo gosta”, estava, portanto, pronta para dançar o branco e o negro. Há um ditado que diz: “Encontramos os inimigos, e eles éramos nós”. O tempo parece curto para Nina lidar com tanta pressão, se estressa e tem alucinações. A sombra se apresenta maior que o seu ego parece aguentar. No limite das suas forças constela o Cisne Negro e a fantasia é de que pode matar quem atravessar o seu caminho. “Aquele que deseja ser artista, diz

Naschimanovith (1993 p.50), precisa ter visões, sentimentos e *insights* profundos, mas sem técnica não existe arte”.

Ao final do filme, quando Nina – Cisne Branco - está no alto do “penhasco”, ela e a mãe trocam olhares de profunda integração e prazer; de pura emoção. Ambas atravessaram o limite tênue de vida e morte, já não serão mais as mesmas. Na versão do Lago dos Cisnes contada no filme, ele cai do penhasco para a morte e encontra a liberdade. Nina sangra, e diz - “Eu senti, a perfeição, foi perfeito!” Em outras variantes, o Cisne e o príncipe se jogam no lago e neste momento o encanto se quebra, o reino do feiticeiro desmorona e ele morre, enquanto o príncipe e sua princesa foram felizes para sempre.

O processo de desenvolvimento da personalidade tem metas a serem cumpridas para que o caminho da individuação se realize, ou seja, chegar a um acordo com nossa verdadeira natureza. Há um primeiro tempo que é do “fazer”, o da técnica em que temos de estudar, trabalhar muito para a construção de músculos fortes, construção de uma profissão e de um lugar para nos abrigar e proteger nossa criação. Essa criação tanto pode ser de uma família com filhos, quanto de qualquer outra arte. Sempre há um segundo tempo - o do “Ser”- ou seja, o desejado mas não vivido por falta de tempo ou de oportunidade. O “Ser” procura seu espaço nos palcos da vida, sendo, portanto, o tempo de criação, de reinventar-se. Mães e filhas precisam transformar o relacionamento, agora de duas adultas, que compreendem os desejos do feminino. É o tempo das “trocas” em que a polaridade dar e receber fica equacionada. Se moram juntas, podem dividir as despesas da casa. Se a mãe se aposenta ou tem a saúde mais frágil, será cuidada pela filha. Na família, o primeiro tempo e o segundo se misturam formando um terceiro – um novo sentido - em que o cisne branco e o negro dançam juntos; a mulher madura e a jovem podem dançar um novo ritmo. A música familiar será mais um jazz que um rock n roll.

### **O tempo da criação.**

“Beleza é verdade e verdade é beleza” disse Jon Keats em “Ode on a Grecian urn” e, “Para que a arte apareça, temos que desaparecer” diz Nachimanovitch (1993 p.57). Essa é uma experiência comum e para muitos ela ocorre quando somos atraídos por alguma coisa: uma árvore, uma rocha, uma pessoa bonita, um som. Mente e sentidos ficam presos na experiência. Quando “desaparecemos” dessa

maneira, tudo à nossa volta se torna surpresa. O ser e o ambiente se unem. Atenção e intuição se fundem. E, falando sobre esse estado mental como o mais favorável à germinação de um trabalho original, Nachimanovitch completa: “O substantivo “ser” torna-se verbo. É desse fulgor de criação no momento presente que o trabalho e o prazer emergem”. Os budistas chamam esse estado - de completa concentração - de Samadhi. A meditação é um meio mais conhecido para se chegar a esse estado. Mas pode ser alcançado andando, sonhando acordado, escrevendo, tocando, dançando ou até mesmo cozinhando. Jung criou a “imaginação ativa” como técnica para se alcançar esse estado. Estado que é percebido pela intuição como verdade espiritual. No idioma grego, *logos* é o que percebemos e podemos conhecer objetivamente, e *gnosis* o que podemos entender subjetivamente. A arte das relações - especialmente a dança mães e filhas - assim como o processo de criação fazem parte daquilo que “sabemos” na carne, no nível da alma; isso é gnose.

Nachimanovitch, (1993.p.58) cita o poeta e coreógrafo persa Rumi que escreveu:

“Dançar não é flutuar sem esforço como um grão de areia soprado pelo vento.  
Dançar é elevar-se acima do mundo, despedaçar o coração e desistir da própria alma.  
Dançar é partir-se em mil pedaços e abandonar totalmente as paixões mundanas.  
Verdadeiros homens dançam e rodopiam num campo de batalha; dançam em seu  
próprio sangue.  
Quando renunciam a si mesmos, eles batem palmas;  
Quando deixam para trás as imperfeições do ser, eles dançam.  
Seus menestréis tocam musica interior; e oceanos de paixão  
se rompem em espuma na crista das ondas.”

A arte de viver como metáfora do dançar em vários ritmos, de fato, é bastante complicada, pois, não podemos dançar sozinhos, precisamos do papai, da mamãe, dos irmãos, amigos, conhecidos, desconhecidos e até dos inimigos. Cada relacionamento é único e pede um ritmo específico. A relação mãe e filha é de uma intimidade tão intensa e, ao mesmo tempo, as filhas aparecem como espelhos de realidades profundas da mãe. Assim, gamas de emoções se mesclam, dão nó, enrolam e desenrolam no exercício amoroso na busca da individuação. A criação de uma relação de alteridade e maturidade não é conquista do intelecto, mas sim, do instinto de prazer e da disposição consciente para atender uma necessidade interior.

### **Referências bibliográficas**

JUNG.C.G. Fundamentos da psicologia analítica. In. *A vida simbólica*. O.C. v. XVIII/I

Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MEIRELES. C. *Antologia poética*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

NACHMANOVITCH. S. *Ser criativo- o poder da improvisação na vida e na arte*. São Paulo, Summus, 1993.